VAIDADE!

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL

Assinatura ao ano... 12$00
Preço avulso....... 1$00

Foto: ARTUR ARAUJO

SUMÁRIO

N.º 70

VIDAS FALIDAS

Há tempos recortei de um artigo de jornal sério êste trecho:

«No segundo império, houve uma mulher extraordinàriamente bonita, espirituosa e ilustrada, a condessa de Castiglione, que se divertiu muito nas Tolharias, deslumbrou muita gente e, com o fulgor da sua beleza, fez apagar o brilho de muitas estrêlas, em noites de baile. Quando o império caiu, a condessa era ainda muito bela e em todos êsses triunfos, o coração tinha ficado frio, salvo com o general E. ainda môço que declinou respeitosamente tôdas as preferências e partiu.

A formosa e encantadora florentina encerrou-se então em sua casa (donde foram banidos os espelhos, para não assistir às injúrias do tempo) e saia embuçada de noite a contemplar os lugares onde triunfou. Seguindo o seu sonho que lhe fugia (como todos os sonhos) a sós com as suas recordações, dizia de si para si: «o que podia ter sido e não foi»! *É verdade, há coisas que podiam ter sido e não foram...»*

Agora, aplicar cada qual esta filosofia ao seu caso e reparar que talvez já tivesse sido assim connosco...

* * *

Valerá a pena viver do passado?

E porque não, se no nosso passado houver lá de que nos recordemos com saüdade?

Já um filósofo cristão poude escrever:

«É preciso viver de tal maneira, que nunca tenhamos de còrar à lembrança de uma só das nossas acções.»

Assim, sim, ajudará até pudermos recorrer lá atrás no arrepio da vida e buscar uma ou outra santa recordação para a vivermos melhor, ou para ela mesmo nos amparar, quando a vida fôr dura e despiedosa.

Tudo está, pois, em viver a vida, sobretudo o tempo da mocidade, em tal disposição de alma, em maneira cavalheiresca, que tudo seja feito em grande, com coração magnânimo — e com as mãos puras de tôda a maldade.

* * *

Obra da mocidade — é a vida madura. Da última vez citei-vos aqui a palavra do poeta:

«A vida deve ser a realização de um sonho da juventude.»

E todo êsse lindo tempo é pouco para «sonhar» a vida.

E quando se estraga em futilidades e mediocridades a juventude?!...

Pobre da «encantadora florentina», gasta e saüdosa das vaidades que tinham passado, a viver amargurada...

Êste é já hoje o espectáculo de todos os dias — e vai sê-lo cada vez mais doloroso — com essas raparigas cobertas por fora e cheias por dentro das miseriazinhas da triste e tôla vaidade com que elas andam para aí a sonhar, e a viver...

Vidas falidas, àmanhã.

G. A.

CURSO DE DONAS DE CASA

NA Casa da Mocidade Portuguesa Feminina, em S. João do Estoril, realizou-se durante as férias do Natal o 1.º «Curso de Donas de Casa».

No «Curso», que foi dirigido pelas Educadoras Familiares D. Maria dos Milagres Sá e Melo Moreira e D. Onélia Levy, tomaram parte as graduadas: Maria Elisa Vilares Cepêda, Chefe de Falange; Maria Emília Teixeira Diniz, Maria de Lourdes Polaina e Maria Júlia Madeira, Chefes de Bandeira; Maria dos Anjos Álvares, Maria José Xavier, Filomena Monteiro, Belarmina Fradinho, Maria Manuela Arrobas Ferro da Fonseca, Maria Agnela Craveiro, Maria Helena Cotrim, Maria Ivone Costa Malquiadas, Velna Maria da Conceição Gomes e Maria de Lourdes Daniel Favita, Chefes de Castelo; Maria Angélica Vilares Cepêda, Chefe de Grupo, que, sucessivamente, se desempenharam dos diferentes serviços, cuja distribuïção copiámos do quadro afixado numa parede de «A Nossa Casa».

Compete às donas de casa:

a) Combinar de colaboração com as de serviço à cozinha a elaboração das ementas e apresentar as contas do dia;

b) Velar pela ordem e limpeza da casa;

c) Receber e atender as visitas da Colónia. Dar conta às Directoras do movimento da casa e fazer os convites e agradecimentos que porventura tenham de fazer-se;

d) Fazer o «diário» da Casa;

e) Vigiar pela parte física e moral de tôdas as filiadas e fazer a recepção, distribuïção e expedição da correspondência.

Compete às do serviço à cozinha:

a) Dirigir e preparar, auxiliadas pelas «empregadas» as duas refeições principais, depois de prèviamente combinadas com as donas de casa;

b) Fazer as compras na praça;

c) Pôr e ornamentar a mesa para as duas refeições principais;

d) Arranjar a merenda sempre que se sai em passeio.

Compete às do serviço de fóra:

a) Fazer as camas das do serviço à cozinha e vigiar e auxiliar a limpeza dos quartos, salas, corredores e balneários feita pelas empregadas (estas só limpam o chão);

b) Fazer o serviço de bibliotecária e vigiar pela boa ordem da biblioteca.

Visitámos o «Curso» na véspera do encerramento e tivemos ocasião de apreciar como tôdas as graduadas se desempenhavam galhardamente das suas obrigações.

As «donas de casa» receberam-nos, fizeram-nos companhia e presidiram ao almôço com tôda a gentileza.

E as encarregadas dos arranjos da casa e da culinária também revelaram a sua competência.

A casa estava um primor de asseio e ordem, a mesa posta com bom gôsto, e o almôço — ao qual assistiram, além de tôdas as filiadas, a Delegada Provincial, D. Alice Guardiola, a Directora dos Serviços de Propaganda e Publicidade, D. Maria Joana Mendes Leal, a Sub-Delegada Regional D. Maria do Carmo Almeida Figueiredo, a Directora da casa e as Educadoras Familiares — foi óptimo!

Ementa delicada, bem cozinhada e bem apresentada:

Sonhos de surpreza — Peixes à «nossa casa» — Pudim de fiambre — Charlotte *de chocolate — Fruta à* Ninon *— Vinhos — Café.*

Mas sobretudo o que nos encan-

Algumas das graduadas que tomaram parte no «1.º Curso de Donas de Casa»

Alegre recepção a uma visita familiar

No jardim de «A nossa Casa». Trabalho e jogos

tou foi o ambiente de alegria e intimidade que fomos encontrar.

Sem pretender positivamente fazer uma «entrevista», falámos com as filiadas e registámos frases de conversa.

— Gostam do «curso»? — preguntamos.

— Pois se não havemos de gostar! — respondem à uma.

— Nêsse caso, têm pena de se ir embora?...

— Isso nem se pregunta! Temos imensa!

— Acham que foi proveitosa a vossa estada aqui?

A resposta, desta vez, não foi uma algazarra de exclamações. Veiu consciente e séria:

— O «curso» é um perfeito estágio para a vida, dando-nos uma maior formação, sob todos os aspectos.

— Qual é o serviço mais dificil?

— O da praça, porque não estamos habituadas a fazer compras. As vendedeiras começam por nos pedir tal exorbitância que ficamos desorientadas. E se regateamos, apanhamos cada descompostura!

E contam-me a compra movimentada dum ananaz, em que a mulher, por lhe terem oferecido só 10$00, as descompôs!... Queria o dôbro, mas acabou por o dar por 12$50...

Tudo isto as diverte, mas as faz também tomar consciência do valor do dinheiro e das dificuldades da vida.

— É dificil fazer as compras sem exceder o orçamento; está tudo tão caro! — exclama uma «dona de casa».

— Qual é a hora do dia de que gostam mais? — pregunto ainda.

— Da hora «em familia», à noite. Lê-se o «Diário», cada uma procura contribuir para a alegria das outras com as suas «habilidades»... Conversa-se, dansa-se, canta-se... Parece-nos sempre cêdo a hora de deitar.

— Isto mostra que se dão bem umas com as outras?

— Damo-nos perfeitamente, como se fôsse uma familia, apesar de quando para aqui viemos não nos conhecermos ainda. Reina a boa camaradagem e a alegria.

E outra acrescenta:

— Às vezes até demais, pois temos ataques de riso que nunca mais acabam, e nem sabemos porquê!

— Têm tido visitas?

— Algumas, a quem temos oferecido de lanchar. A «Nossa Casa» é amiga e acolhedora.

— Deram alguns passeios?

— Antes da merenda, o «horário» marca «passeio»; houve passeios «diferençados», como por exemplo um de bicicleta, outro em visita ao Centro Social de Cascais, etc..

Faço ainda muitas outras preguntas, numa curiosidade cheia de interêsse que se satisfaz alegremente com as respostas, que mostram bem como o «curso» correspondeu àquilo que dêle se pretendia: proporcionar às graduadas, num ambiente de familia, meios de se exercitarem nos seus futuros deveres de mulher e dar-lhes ocasião de estreitarem os laços duma fraternal camaradagem, feita de bom entendimento, de amizade e de espirito de colaboração, dando também ensejo às Dirigentes da Organização de ficarem conhecendo melhor as filiadas, e estas, de ficarem estimando mais as Dirigentes.

E fecho a conversa com uma pregunta, talvez a mais dificil de responder:

— De qual gostaram mais: do tempo da Colónia de férias ou dêste?

A resposta não se fez esperar, sincera:

— Dêste, porque é uma vida ocupada dum modo diferente, é mais intima e à vontade. Sentimo-nos na verdade «em nossa casa».

Beleza

I

TUDO o que existe e foi criado por Deus tem beleza, tal como tem razão de existir. Criaturas de Deus feitas à sua imagem e semelhança, tanto mais belas são, quanto mais perfeitas de coração.

Num coração perfeito, numa alma pura, reflecte-se a imagem do Criador como se fôsse um espelho: e êsse reflexo, embeleza os traços dum rosto vulgar, dá-lhe carácter e torna-o atraente como se fôsse dotado de traços olímpicos.

Julgo que deve ser assim a beleza das santas...

Em tôda a gente há um desejo inato de agradar, de parecer bem... Nas mulheres, nas raparigas sobretudo, há o desejo intenso de ser bonita e atraente, quási tão natural nelas como o desejo de ser feliz.

E se quási ninguém se pode gabar de ter um nariz grego e as feições helénicas que são de há muito a forma clássica da beleza, se tam pouco na nossa raça é vulgar encontrar as figuras esculturais, a linha esbelta e o porte harmonioso que os antigos esculpiram na pedra e ainda hoje nos encanta, está no entanto ao nosso alcance melhorarmo-nos física e moralmente.

Adquirir beleza e graça!
Alma sã em corpo são!...

A saúde, só por si é beleza.

Um coração bondoso e uma alma bem formada num corpo são, irradiam, criam beleza!

Já está fora de moda a beleza doentia e mórbida das meninas olheirentas, a pedir sanatório.

E não será criminoso estragar a saúde que Deus nos deu fazendo dietas quando ainda estamos na adolescência, e passar fome, (sabe-se-lá quanta!) para adquirir um ar cinéfilo e trágico e uma figura esguia e informe onde se não vislumbra uma curva feminina?

A sub-alimentação dá às raparigas uma pele baça e umas «penugens» e buços que muito deslustram a graça feminina. Além de que os cabelos perdem o brilho e tornam-se ásperos, e os dentes (tão bonitos em quási tôdas as portuguesas) enfraquecem e estragam-se por falta de cálcio e de vitaminas.

Para as raparigas de hoje, há o desporto e a cultura física que emendam com vantagem as linhas mais arredondadas com que a natureza as possa ter dotado, e as fortifica e melhora debaixo de vários pontos de vista, mesmo o moral.

Algumas raparigas há, que examinadas de perto não são talvez bonitas no sentido físico da palavra, mas que mal aparecem enchem uma casa com a sua presença; encantam e atraem.

Têm, como as francesas dizem, «du charme».

Têm encanto, e encantam.

Porquê? Porque possuem um conjunto de qualidades e virtudes, que juntas a um pouco de *chic* e de gôsto as torna atraentes e agradáveis à vista e ao coração.

A educação modela e modifica os carácteres; aperfeiçoa-os e melhora-os. Estes aperfeiçoamentos interiores transparecem na fisionomia e nas palavras, nos gostos e nos sentimentos, e dão uma beleza reflexa a um rosto, a um gesto, a uma forma, espiritualizam-nas, dão-lhes vida e personalidade.

Podemos e devemos educar-nos e aperfeiçoarmo-nos, nós mesmas. Melhorar-nos para que possamos atingir e dar o nosso máximo e irmos o mais longe possível no caminho que Deus nos traçou.

Cultivemos a nossa alma, o nosso espírito e o nosso corpo, para adquirir elegância física e moral. Sendo esta última muito mais importante e difícil de adquirir.

As virtudes e qualidades concorrem muito para essa elegância e beleza.

A caridade, por exemplo: — Quem não admirou já a beleza de um olhar meigo, caridoso, e de um sorriso bondoso num rôsto juvenil?

E o tacto? O tacto parece ser uma espécie de caridade das salas e da sociedade.

Uma rapariga com tacto emenda, encobre e evita muita coisa. Torna-se uma rapariga agradável e preciosa para os seus semelhantes.

E a alegria? A alegria é um dom de Deus às almas puras e simples, é uma santa recompensa àquêles que são rectos e justos. As almas tristes ou são muito desgraçadas ou doentes ou egoístas.

A alegria não cabe dentro de um coração mesquinho.

A alegria é uma forma de louvar a Deus.

Um rosto alegre é sempre agradável e atraente.

E a serenidade e a calma? São estas o sossêgo das almas direitas e dos organismos equilibrados e saudáveis.

Nem a todos os temperamentos é dado ter calma, mas, esta, é apreciada por tôda a gente. Uma pessoa calma vê as coisas com clareza e portanto com justiça; procede geralmente a tempo, quando é preciso agir.

A fisionomia das pessoas serenas e calmas repousa a vista, infunde respeito e confiança. Tem beleza, doce, firme e estável.

E a limpeza? E a ordem? que dizer destas duas indispensáveis qualidades que tão bem se combinam e completam!!! São tão vulgares e tão naturais que creio tôdas as conhecem. Não há rapariga moderna que não saiba o valor higiénico da limpeza, a sua contribuïção para uma boa saúde, para uma bonita pele, e portanto para uma bela aparência. Quanto à ordem, (não falando da ordem nas idéias que embora abstracta transparece) valoriza de tal maneira as coisas e as pessoas, que as roupas as mais modestas, o vestido mais pobre, bem limpos e ordenados dão a quem nos põe um aspecto cuidado e agradável e até certo ponto um ar de festa.

De todos êstes assuntos que hoje expusemos de relance — saúde, cultura física e desportos; a educação e personalidade; bom gôsto e distinção; bondade e tacto; alegria e serenidade; asseio e ordem — iremos falando mais pormenorizadamente nos números seguintes.

MARIA BENEDITA

Cruzes e galos das tôrres

Já repararam que as tôrres têm sempre a encimá-las uma cruz?

A igreja é a casa de Deus e a cruz é o simbolo da fé cristã.

A cruz santifica o templo do Senhor e ao mesmo templo glorifica Aquêle que, morrendo sôbre ela, a tornou um objecto de glória.

E já repararam que por debaixo da cruz existe quási sempre uma espécie de bandeira de ferro? Mas talvez ignorem a sua procedência. Essa bandeirola teve a sua origem nas bandeiras ou flâmulas que ostentavam as casas fidalgas na Idade Média.

Cada senhor desfraldava uma bandeira no seu castelo.

Mas, expostas às intempéries, essas bandeiras de tecido, bordadas com simbolos heráldicos, estragavam-se ràpidamente e foram substituidas por pequenas bandeiras de ferro onde se recortavam em aberto os sinais nobiliárquicos.

Das casas nobres êsse costume passou para as abadias, que arvoravam as suas insignias.

E abaixo da cruz começaram a aparecer nas tôrres das igrejas conventuais bandeirolas de ferro com as armas das respectivas ordens religiosas. Daí, passaram para as simples igrejas das freguesias com qualquer sinal simbólico.

Mas essas bandeirolas de ferro, quando o vento lhes batia, como eram fixas, ofereciam resistência e prejudicavam os telhados.

Lembraram-se então de as tornar giratórias sôbre a sua haste, para, dóceis à viração, não causarem prejuizos.

Eis a origem dos cataventos: as pequenas bandeirolas que ainda hoje existem em alguns edificios e sobretudo nas igrejas.

O sentido heráldico ou religioso primitivo das bandeiras perdeu-se e ficou apenas a utilidade de um indicador do vento.

E de transformação em transformação, as «bandeiras» passaram a tomar a forma de setas, de animais, de bonecos, etc.

A forma que se tornou mais popular foi o galo. O seu aparecimento remonta pelo menos ao século IX.

Um autor do século X fala-nos do galo das igrejas: «O viajante que o avista de longe, fixa sôbre êle os seus olhos; sem pensar no caminho que ainda lhe resta para percorrer, esquece as suas fadigas e avança com novo ardor. Embora em realidade esteja ainda longe do termo, os seus olhos persuadem-se que já lhe tocam.»

O galo da tôrre de igreja é o simbolo da terra natal.

Mas o galo tem sobretudo um simbolismo religioso: significa a vigilância e a oração.

O galo vigia de noite, marca as horas com o seu canto, desperta os que dormem e festeja o dia que se aproxima.

Simbòlicamente, diz-nos a todos: «Acorda, tu que dormes! Já rompe o dia. Levanta-te! Louva ao Senhor!»

Maria Joana Mendes Leal

Conflito no Armário

EM casa da Snr.ª Condessa de Matozinhos havia um soberbo armário, onde se guardavam as antiguidades a que ela tinha grande afeição. Nêle se encontravam as mais variadas peças de loiça e vidro, desde o pequenino cálice rosado à manteigueira doirada, da tigelinha acanhada à espevitada compoteira, do rubro açucareiro à importante leiteira.

Havia já muito tempo que a Travessa, a nívia Travessa grande, tinha sido eleita soberana daqueles domínios. Fôra o Snr. D. Bule, que lhe desejava cair em graça, quem muito contribuíra para tão elevada posição. O seu verdadeiro intento era simples, muito simples, claro como a água cristalina dum lago: ambicionava ser fidalgo, pertencer à côrte, brilhar, passar por entre a multidão e vê-la render-lhe inúmeras homenagens. Não lhe custou alcançar o que pretendia porque Sua Magestade, a D. Travessa, simpatisava como êle, nem se sabe bem porquê, talvez por ser vaidoso como ela. Passava os dias a compôr-se, a elogiar-se e a criticar os seus súbditos. Realmente a D. Travessa julgava-se bela, a mais linda peça do armário, e tinha feito, numa das muitas vezes em que se mirava ao espelho, uma descoberta sensacional: observou que em nenhuma outra cabeça assentaria tão bem a coroa de raínha como nos seus belos cabelos de oiro. Por isso só ela podia ser a soberana.

A Leiteira mordia-se de inveja por não ter sido ela a escolhida, pois afinal era tão bela e importante como a Travessa. Por trás, quando conversava com as suas amigas, criticava-a, troçava dela e até a deprimia, mas junto de Sua Magestade, tôda se desfazia em amabilidade para, já que não podia ser raínha, conseguir ao menos um título de nobreza.

De tôdas as peças a mais humilde, a mais modesta, era uma linda chaveninha de olhos meigos, pequenina, que a velha Condessa tinha colocado junto dum insignificante e frágil càlicezito. Foi num dia lindo, numa manhã ridente chéia de sol. Conduziu-a ao armário e colocou-a ali carinhosamente. Depois pousou nos seus compridos e delgados dedos um ardente beijo, em que depositava todo o seu amor, e atirou-lho. Quedou-se um instante a admirá-la e retirou-se com os olhos marejados de lágrimas.

«Ora esta! pensava a Travessa, será possível que êste ninguènzito me queira usurpar o trono?! Ah! Não pode ser, porque eu vou lutar. Começo por desacreditá-la perante a sociedade, porque isto não se admite. O D. Bule está encantado. Vejam como êle a fita! O Açucareiro, aquêle palerma, deita-lhe uns olhos tão doces! E ela como está vaidosa».

— Snr. D. Bule, chamou a invejosa Travessa, para quem olha tão interessado?

— Para aquela chávena engraçada que entrou agora, não viu? E' muito interesante!

— Ai, pensa isso? Tem muito mau gôsto! Então aprecia aquela insignificância? Ah! Ah! E' que não sabe o que ela é! Uma vaidosa, uma orgulhosa, que não pensa senão em si. Veja, nem sequer veio cumprimentar a côrte. Julga-se mais que ninguém. E ainda diz que ela é interessante! Pst! Oh D. Leiteira, como acha a nossa nova companheira?

— Aquela enjoadinha é feia como tudo! — respondeu a Leiteira, fitanto desdenhosamente a recém-chegada. E depois ainda é muito bébé. Mas não fala a todos, lá está àquêle canto com ares muito superiores!

— Ah! Ah! Ah! troçou uma caneca ordinária, barriguda, das Caldas. Com que então acham-na feia? Coitadas! Quem vos dera ter tanta graça como ela! Isso tudo é inveja, amiguinhas, muita inveja minhas tôlas!

— Ah! Está a ouvir Magestade? gritou escandalizada a Leiteira. Ouve o que diz esta atrevida?

— O que ela diz não me interessa, D. Leiteira, respondeu com desdém a Travessa. Não costumo discutir com gente de tão baixa condição. Então respondia a uma reles e ordinária caneca das Caldas? Não porque eu sou fina, superior, e àlém disso possuo alta educação!

— Alta! Altíssima! chasqueou a caneca. Mas que alta educação! Mais alta do que um arranha-céus da América! Ah! Coi...ta...dinha! Tu não tens é trôco para me dares, minha lambisgóia. E mesmo desfazes na linda chaveninha, porque tens mêdo dela.

— Mêdo. eu? Oh! Que atrevimento, que vileza!

— Isso, isso, chama-lhe nomes bonitos. Não é nenhuma vileza, é a verdade. Tens mêdo que fique ela a ser a raínha. E olha que fazia muito melhor figura do que tu. Mas ela como, é modesta, certamente nem nisso pensa.

E continuou com as suas gargalhadas escarninhas a ordinária e barriguda caneca.

*

Muitos anos se foram passando sem que ninguém mais falasse da linda chaveninha, porque ela, lá no seu canto escondida, com a sua modéstia se foi tornando apagada. Sòmente de vez em quanto o frágil càlicezito lhe ciciava baixinho:

— Como és linda! És a mais bela jóia deste reino. Se tu quisesses, sem grande custo serias a soberana. E que linda soberana!

— Não penses nisso, amiguinho, eu não sou bonita. A tua grande amizade é que vê em mim beleza que não possuo, respondia sorridente a chaveninha de olhos meigos.

Mas um dia entrou na sala a Snr.ª Condessa e disse ao criado:

— Luiz! Quero que mandes fazer limpeza a esta sala e que a prepares o melhor possível. Amanhã faz anos a minha querida nètinha e tenciono trazê-la aqui, para lhe oferecer uma das peças do armário das antiguidades. Vê pois como a apresentas.

Depois disto retirou-se.

Ouvindo estas palavras, a D. Travessa dirigiu-se às companheiras, aparentando um ar muito triste e com voz entrecordada pela comoção:

— Ai, queridas amigas! Como sinto o ter de me separar de vós! Tanto tempo aqui estive convôsco! Alegra-me a idéia de ficar a pertencer a uma criança viva e despreocupada, mas como me pesa pensar que ides ficar sem raínha e que não tendes ninguém competente para me substituir.

— Porque dizeis isso Magestade? preguntou um tanto ofendida a Leiteira. Quem sabe? podeis não ser vós a escolhida! Penso que também sou bela para isso e que não valho menos do que vós, por não ser raínha.

E entretanto empoava-se, compunha os caracóis e avivava o sinalzinho do rôsto meio apagado pelo tempo.

— Ah! exclamou indignada a Real Travessa, ajeitando sôbre os seus cabelos doirados a pesada coroa de safiras e compondo o manto de brocado que lhe pendia dos ombros. Snr. D. Bule, Gran-Duque da minha côrte, ouvistes as palavras da Viscondessa Leiteira?

Dizei-me o vosso parecer: será possível não recair a escôlha na vossa soberana?

— Oh! impossível, impossível. Magestade! mas...sim...não sei se já notastes a elegância dêste vosso servidor: reparai nas minhas maneiras distintas no meu porte garboso, na graça e sedução do meu trajar.

E, dizendo isto, dava um piparote nos bofes de renda, assestava o «lorgnon» e ensaiava uns passinhos de minuête.

— Acabem com essa comédia, seus palhaços, grita de lá a caneca. Ai, que já estou cansada de tanto rir! O' D. Leiteira, ponha mais um sinalzinho na face. Do outro lado, para emparceirar com o que já tem! Ah! Ah! Ah! Snr. Duque lembre-se da sua gôta, não se canse, olhe que a sua idade não permite brincadeiras. Cuidado, não lhe caia a cabeleira e lhe vejam a careca! Ai muito se goza aqui à custa dêstes vaidosos, dêstes hipócritas. Vejam, até o açucareirito se compõe! Como êle ajeita a cabeleira e as fivelas dos sapatos de polimento! Que vejo eu?... A espevitada compoteira também se prepara para a festa?... Imaginem... a puxar os tufos do vestido! Mas que mania! Tenham juizo. Para que é tanta coisa, se não sereis vós os escolhidos? Lembrem-se de que «quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado».

Não julguem que sou como vocês, que pretendo para mim essa honra, não, bem sei que sou uma pobre caneca sem importância, mas há aqui quem reúna à beleza outros predicados de grande valor. Sosseguem o vosso espírito, e dêem tempo ao tempo.

Chegou enfim a hora tão desejada.

A boa Condessa, acompanhada por uma linda menina, aproximou-se do armário. Podia-se notar bem o contraste entre avó e neta: a senhora envolta nas vestes de viuva, rosto enrugado e macilento, cabeça totalmente enbranquecida e curvada sob o pêso dos anos; a menina de vestido branco, faces rosadinhas, cabecita loira, em que brilhava um vistoso laço igual ao vestido. E ali a infantilidade dava a mão à velhice, para as duas enfrentarem a dura caminhada da vida.

— Minha filha, disse a Condessa abrindo o armário, é bem insignificante a prenda que vou dar-te, mas para mim... para mim representa muito. Ofereceu-ma também a minha mãi, quando eu completei a tua idade, quando fiz os meus 10 anos. Guardei-a sempre com o pensamento de dar-ta neste dia. Peço-te apenas que a estimes tanto, como se fôsse oferecida pela tua mãezinha que Deus levou.

Dizendo isto, tirou a chaveninha de olhos meigos e entregou-a à nètinha que chorava comovida. E abraçaram-se as duas fervorosamente.

Entretanto a pequena chávena murmurava aos companheiros:

— Queridos amigos, tenho sempre percebido a má vontade que sustentastes contra mim, a frieza do vosso coração, a vaidade e o egoísmo que vos endurece a alma. Lamento muito o vosso procedimento e agora o pouco tempo que me resta junto de vós, aproveito-o a pedir-vos que vos ameis uns aos outros como irmãos, que sejais sempre unidos para compartilhardes todos do bem e do mal que vos surja, que vos auxilieis uns aos outros. Assim, só assim, sereis verdadeiramente felizes.

Nesta altura foi levada pela neta, que se retirava com a avó.

Tudo ficou em silêncio: sòmente se ouvia o soluçar do frágil càlicezito que lastimava a falta da sua amiga.

A Travessa então dirigiu-se-lhe dizendo:

— Não chores pequenino, agora todos nós sentimos, como tu, a ausência da nossa companheira. Esforçar-nos-emos por ta substituir o melhor possível, embora não consigamos igualá-la, porque só ela, agora reconheço, era boa. Perdoai-me meus irmãos, desculpai a minha vaidade, porque de hoje em diante prometo emendar-me. Não me tratem mais por raínha, pois o não quero ser já.

E tirou a coroa tristemente.

— Ai, isto puxa para o sério, exclamou a caneca, tentando disfarçar a comoção. Como as coisas são: ontem comédia, hoje drama. Tem graça! Agora que me apetece chamar-lhe Magestade é que ela não quere! Mas para dizer a verdade, acho-lhe assim a cabeça mais ajuizada. Que querem? ...o pêso da coroa...

CELESTE MORGADO

Centro n.º 3, Liceu de Pedro Nunes, Lisboa

NOTÍCIAS DA MOCIDADE

Donativos para "A NOSSA CASA" concedidos pela Delegacia de Estremadura, Sub-Delegacias e Centros

Delegacia de Estremadura:
1 frigorifico «Electrolux»;
1 aparelho aspirador;
1 aparelho encerador;
no valor de 11.220$00

Sub-Delegacia de Cascais — Ala 1:
4 esculturas da «Virgem com o Menino»;
4 esculturas da Virgem;
1 cesto roupeiro;
no valor de 296$60

Sub-Delegacia de Lisboa — Ala 2:
1 carpete «Lousã»;
no valor de 990$00

Sub-Delegacia de Loures — Ala 3:
6 facas de aluminio com cabo forte;
6 garfos com cabo forte;
6 colheres de sopa de aluminio;
6 colheres de chá de aluminio;
no valor de 128$50

Sub-Delegacia de Sintra — Ala 4:
9 naperons com renda larga;

Sub-Delegacia de Setúbal — Ala 5:
1 imagem de N.ª Senhora de Fátima;
1 peanha dourada;
1 caixa e despacho;
2 misulas douradas;
6 velas automáticas;
1 apagador;
Trabalho de acrescentar duas misulas;
no valor de 465$00

Sub-Delegacia de Cadaval — Ala 2:
3 pares de castiçais de metal;
no valor de 330$00

Centro N.º 1 — Ala 2:
21 volumes para a biblioteca;
2 candelabros de parede;
2 idem, idem;
2 castiçais;
1 floreira de parede;
no valor de 383$20

Centro N.º 3 — Ala 2:
30 quadros debruados;
1 carpete regional;
no valor de 335$00

Centro N.º 4 — Ala 2:
1 relógio de parede;
1 tampo de vidro para a mesa do gabinete médico;
no valor de 362$30

Centro N.º 6 — Ala 2:
1 caixa de loiça de fantasia;
1 moldura de madeira pintada;
1 caixa de madeira pintada;
2 castiçais de madeira pintada;
1 tacinha;
no valor de 200$70

Centro N.º 7 — Ala 2:
1 imagem de St.ª Marta;
1 idem, de Sant'Ana;
no valor de 267$75

Centro N.º 8 — Ala 2:
1 foto de Sua Ex.ª o Presidente da República;
1 foto de Sua Ex.ª o senhor Dr. Oliveira Salazar;
6 jarras para oratório;
1 pia de água benta;
no valor de 339$00

Centro N. 9 — Ala 2:
2 ferros de engomar;
no valor de 120$00

Centro N.º 10 — Ala 2:
1 relógio de parede;
no valor de 450$00

Centro N.º 11 — Ala 2:
1 balança «Inka»;
no valor de 300$00

Centro N.º 12 — Ala 2:
1 relógio de parede;
no valor de 480$00

Centro N.º 16 — Ala 2:
9 recepientes de esmalte para secos;
no valor de 350$20

Centro N.º 18 — Ala 2:
1 chapeleira em madeira pintada;
1 bengaleiro idem, idem;
1 banco idem, idem;
2 chapeleiras idem, idem;
1 mesa em vêrga;
2 cadeiras de braços idem;
1 sofá idem;
no valor de 1.470$00

Centro N.º 20 — Ala 2:
1 balança decimal e pesos;
no valor de 361$00

Centro N.º 22 — Ala 2:
1 frigideira em ferro;
no valor de 210$00

Centro N.º 61 — Ala 2:
1 florador de aluminio;
no valor de 150$50

Centro N.º 64 — Ala 2:
2 mesas de vêrga;
2 cadeiras de braços idem;
4 cadeiras idem;
no valor de 880$00

Centro N.º 67 — Ala 2:
4 bancos de cozinha;
2 bandejas de vêrga;
no valor de 150$00

Centro N.º 69 — Ala 2:
1 imagem do S. Coração de Jesus;
1 peanha entalhada;
1 par de castiçais de metal;
no valor de 940$00

Centro N.º 70 — Ala 2:
1 suporte de esmalte «Sabão, Potassa e Areia»;
1 idem, idem, «Especiarias»;
no valor de 378$00

Centro N.º 72 — Ala 2:
15 travessas de loiça;
2 terrinas idem;
1 frigideira de ferro polido;
1 concha de alumínio;
2 garfos para fritar;
1 pá para peixe;
1 faca;
1 cafeteira de alumínio;
no valor de 589$60

Centro N.º 75 — Ala 2:
9 peças de loiça «Battistine»;
4 taças de vidro;
no valor de 335$50

Centro N.º 76 — Ala 2:
1 talha de vidro;
no valor de 120$00

Centro N.º 83 — Ala 2:
24 velas de fantasia;
1 pedra mármore;
no valor de 246$20

Centro N.º 6 — Ala 4:
1 lamparina de oratório;
no valor de 427$00

Centro N.º 5 — Ala 6:
7 «estrêlas» em loiça de Sacavém;
no valor de 154$00

Donativos para «A NOSSA CASA» concedidos por vários Colégios sedes de Centros

Colégio de Santa Doroteia — Centro N.º 7:
5 peças de loiça «Battistine»;
no valor de 318$60

Colégio Jesus Maria José — Centro N.º 8:
1 machado para lenha;
4 medidas de madeira para secos;
no valor de 101$55

Colégio Feminino Francês — Centro N.º 10:
1 tábua para carnes;
1 rôlo para massas;
1 fôrma com tubo largo, em fôlha;
2 fôrmas com tubo estreito, em fôlha;
2 fôrmas para «tortas» em fôlha;
1 fôrma para pudins;
2 batedores para claras;
1 frigideira de arame com cabo;
1 tabuleiro de arame;
1 idem, em fôlha;
1 suporte para cozer ovos;
1 jôgo de 8 pratos de vidro;
no valor de 346$05

Colégio Parisiense — Centro N.º 12:
1 chapéu de sol para jardim;
no valor de 746$00

Escola João de Barros — Centro N.º 20:
2 bancos de casa de banho;
no valor de 100$00

Colégio Lisbonense — Centro N.º 22:
1 relógio de parede;
no valor de 480$00

Colégio do S. C. de Maria — Centro N.º 16:
1 altar;
no valor de 250$00

Colégio de S. José do Ramalhão:
1 cafeteira de alumínio;
no valor de 127$30

Escola Industrial «António Anias» — Centro N.º 12:
Várias peças de faiança confeccionadas pelos alunos.

École Française de Lisbonne — Centro N.º 75:
4 jarros «cântaras trancesas»;
1 espremedor de vidro para limão;
1 bate-claras;
1 almotolia de esmalte;
no valor de 204$75

Colégio de Garrett — Centro N.º 83:
2 passadores de alumínio;
no valor de 68$50

Total dos donativos (sem contar os objectos que não foram comprados): 27.773$00

A todos os Centros e Direcções de Colégios o Comissariado Nacional e a Delegacia da Estremadura apresentam os seus mais vivos agradecimentos pela generosidade das suas ofertas e pelo bom espírito de colaboração a que elas representam.

Dignou-se também oferecer um receptor de rádio a Casa A. Cardoso, Ld.ª.

Outros donativos

A Câmara Municipal de Loulé dignou-se conceder à M. P. F. daquela Ala o subsídio de 400$00 — quatrocentos escudos — para auxiliar a compra de tecidos para as roupas e agasalhos que as filiadas confeccionaram e foram distribuídas por ocasião da VII Semana da Mãe.

O Ex.mo Sr. Presidente da Junta de Província de Trás-os-Montes e Alto Douro concedeu à Delegacia daquela Província um subsídio de 1.000$00 — mil escudos — e a Casa do Douro concedeu à Sub-Delegacia de Lamego, por intermédio da Delegacia, um subsídio de 500$00 — quinhentos escudos.

Na sala de jantar de «A nossa casa»

Arranjo dos quartos na «Nossa Casa»

VIDROS

Não é nos vidros das janelas que eu queria falar apesar de, já se vê, se poder dizer muita coisa sôbre êles...

O que me tem prendido a atenção ùltimamente são os vidros que se põem em cima da mesa de jantar; copos, taças, candelabros, castiçais, centros, etc. Tudo isso pode ser bonito ou feio, precioso ou comum. Existem peças raras, que não têm discussão possível e outras que são agora procuradas, e que, há vinte anos não se desejavam ter no nosso lar! Um artista disse-me uma vez, que o «bom gôsto» é o *nosso gôsto*. Que se encontrasse numa casa *exactamente* como desejaria, ficaria surpreendido, seria certamente, essa a sua casa. — Não concordo em absoluto. Conheço duas casas, que são cada uma no seu género (uma no campo, outra na cidade) o que eu poderia desejar ter — e que não desejo. — Acho que devemos sujeitarmo-nos ao que temos herdado, adquirido por presentes e conseguido juntar, e fazer dêsse todo, às vezes eterogéneo, num conjunto harmónico e agradável. Mas será isso o nosso ideal? — Quási sempre, não. Mas como a nossa cara ou as nossas mãos, gostávamos que fôssem mais bonitas, mas não as trocávamos por nenhumas outras...

Os nossos vidros, cristais e loiças são os *nossos* e *hão-de ficar bem* na nossa casa. E ficam, a não ser, evidentemente, que sejam do pior mau gôsto. Mas não é natural que tudo seja feio. A's vezes podem-se fazer trocas vantajosas, trazendo coisas de uso na cozinha para a sala de jantar e vice-versa. — Sobretudo nas casas antigas há sempre objectos interessantes a descobrir. Mas o que me trouxe tudo isto à idéia foi o arranjo da mesa, numa casa elegante a que fui jantar.

A não ser os pratos e talheres, tudo o mais era vidro ou cristal. — Os copos, já se vê, o centro, os candelabros, os lavabos e até os pratinhos de doce. Cestinhos de vidro pela mesa com rebuçados e bombons.

As velas acesas, reflectiam-se em tanto cristal e brilhavam alegremente. O aspecto era lindo e muito festivo. E pensei; aqui está uma solução para os casais novos, que hoje em dia, têm na ocasião do casamento, poucos presentes de prata.

Peçam aos parentes e amigos que lhes dêem vidros (há-os para todos os preços) e já poderão dar um jantar «brilhante» em tôda a acessão de palavra

Em Portugal já hoje se fabricam alguns modêlos de serviços de copos muito interessantes e outras peças bonitas, e a preços aceitáveis.

Não se pode pensar, agora, em comprar cristais de Bacarat, da Boémia ou de Veneza. Como não vêm, da sua origem, (ou se às vezes vêm, em pequeníssimas quantidades) estão tão caros, que só milionários podem pensar em os adquirir. Quem os tem de casa deve-os estimar e poupar muito!

Como saber em que estado ficarão essas indústrias no fim de tão terrível guerra...

Talvez, durante um tempo, a Europa se esqueça de criar essa Beleza.

Já havia vidro no Egipto, na Síria, em Roma, e no entanto quási tudo desapareceu com a invasão dos Bárbaros. — Na Idade-Média era raríssimo e a não ser nos vitrais das Igrejas e Castelos, quási não existia. — Vi em Veneza, no Tesouro da Igreja de São Marcos, taças de cristal, vindas da antiga Bizancio. Tinham sido cravejados de pedras preciosas e uma delas era adornada de enfeitos e desenhos em esmalte a côres. Pareceram-me baças.

Mas seria êste seu aspecto quando serviam na faustuosa cidade? Provàvelmente não. Os séculos, e os tratos porque terão passado devem ter deixado a sua marca. — Os antigos trabalhavam com muito mais cuidado do que nós, os objectos que destinavam aos palácios dos seus senhores. — Agora, como se pretende servir todos, não se pode entrar em detalhes tão delicados, e olha-se sobretudo à forma. Mas essa, às vezes, pode ser linda, e já em si dar-nos a idéia dum estilo e duma época.

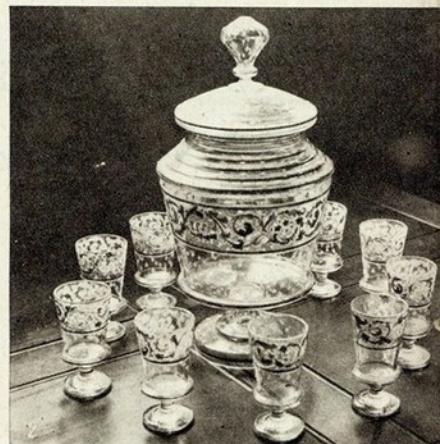
Dizem que a invenção do vidro foi feita no Egipto, mas não se tem provas positivas disso, porque nas escavações nunca se encontraram restos de nenhuma manufactura.

O que leva a crer que seja verdade é que existe um baixo relêvo em Beni-Hasan, em que se vê todo o processo de assoprar e fabricar o vidro. — De facto naquele país existem tôdas as matérias precisas para a sua fabricação.

No entanto a tradicção mais antiga, atribui aos Fenícios essa descoberta. Conta-se que uns mercadores encontraram uma substância vítrea debaixo das panelas em que tinham feito comida numa praia. — Essas panelas estavam em cima duns blocos de «natron». O fogo pode muito bem ter causado que essa substância (uma forma impura do carbonato de sódio) tenha formado um todo com a areia, criando assim silicato de sódio, que não sendo pròpriamente o vidro é o bastante parecido com êle, para que tenha sugerido a idéia de se encontrar uma fórmula que tornasse permanente essa matéria translúcida. No entanto Plínio (e é esta a terceira versão) dá como certa a invenção do vidro na Síria.

Explica todo o processo de encontrar essa fórmula com tantos pormenores, que nos parece plausível a sua veracidade.

No entanto a primeira e a última podem ter ambas a mesma origem, porque sempre houve um grande intercâmbio entre a Síria e o Egipto e é até possível que nalguma guerra, os egípcios trouxessem como cativos os fabricantes de vidro, transplantando assim para o seu *país*, essa indústria.

1

Em Roma o vidro era muito usado. Mais ainda do que por nós, porque tinham chegado a uma grande perfeição no seu fabrico, maior do que na cerâmica, que ainda estava grosseira em comparação com esta. Já sabiam colorir o vidro, tendo conseguido nalgumas côres, tais como o azul, tantos tons e modas de aplicar sôbre outro, branco, que conseguiram fazer os célebres camafeus que eram trabalhados como jóias — Diz-se mesmo que um romano chegou a inventar o vidro mole (que sempre se tem continuado a querer encontrar) mas que ao fazer parte da descoberta ao Imperador, êste o felicitou vivamente e depois o mandou matar. Considerava êsse vidro tão precioso, que receou que viesse a revolucionar o seu sistema económico e a depreciar o oiro.

O vidro que se continuou fazendo em França, na Alemanha, em Espanha e Portugal, eram reminiscências da arte Romana que, com a sua decadência, se perdera, quási completamente.

No entanto, durante tôda a idade-Média, Alexandria, fabricou com a maior perfeição obras de arte em cristal. As Igrejas em Constantinopla tinham mosaicos e abóbadas de vidros de côres variadas. As janelas eram de vitrais.

Santa Sofia, construida por Justiniano, e que hoje é uma mesquita, era um exemplo extraordinário dessa célebre arte Bizantina.

Os Sarracenos, por sua vez contribuiram para o aperfeiçoamento desta indús-

tria, que reservarão só, por assim dizer, para a arte. Não destruiram as indústrias que encontraram, quando da sua invasão, na Siria e no Egipto. Antes pelo contrário, foram aperfeiçoadas e conseguiram fazer esmaltes sôbre vidro, duma rara perfeição.

No século XII tinham uma fábrica (ou fábricas) muito notáveis em Almeria, Espanha. — Mais tarde a cidade de Barcelona notabilizou-se também pelos seus vidros, que exportava. Esta arte celebrizou também em menor escala, outras localidades da Catalunha.

No entanto tôdas estas manufacturas (que muitas vezes eram compostas apenas, por vários artistas que trabalhavam em casa) ficam muito a perder de vista quando nos lembramos de Veneza!

O vidro de Murano (uma das ilhas da Laguna de Veneza) é conhecido desde o século V e ao contrário do que aconteceu noutras localidades, tem resistido a tôdas as vicissitudes da sua história movimentada. — Nenhum outro iguala ou a perfeição da sua forma e côr, do detalhe, e da finura e transparência. Em 1268 tinha-se tornado tão importante que se julgou necessário criar a corporação dos vidreiros.

Nas suas procissões ou cortejos, exibiam jarras, frascos de perfume e copos ou taças (nas formas clássicas que nos ficaram em prata e outros metais). Até chegaram a fazer pêsos! Mas só no século XV conseguiram imitar os esmaltes e enfeites de metal e vidro que os orientais mais antigamente fabricavam. Já faziam, é certo, aquêle vidro tão bonito que chamam de «renda» em italiano «Vitro di trina». — Mas esta cô. linda, e que marca mais, para nós, a sua origem de Veneza, um doirado difuso no vidro, só foi inventado em 1600. Foi nesta época que se começaram a fazer espelhos de vidro, verdadeiramente perfeitos.

Já na Idade-Média, se tinha tentado essa experiência, mas com pouco resultado.

Os espelhos da antiguidade eram todos de metal pulido. Ficou assim Veneza com o comércio enorme de espelhos, que exportava para tôda a parte.

No entanto as outras nações, tais como a França, a Alemanha e Inglaterra faziam esfôrços para se pôrem ao par dêsse progresso. Para isso tiveram que recorrer aos vidreiros de Veneza. Foram vários para essas terras e montaram fábricas que, mais tarde se desenvolveram muito e adquiriram novas caracteristicas, que as diferenciaram completamente da sua origem.

Como sempre acontece, começou o seu comércio a decair (sem nunca acabar) até que em 1839 um senhor Bussolin empregou altos esforços para fazer reviver essa arte, moribunda, sendo seguido por outros, principalmente por Salviati. Êste conseguiu inteiramente dar o antigo renome aos vidros de Veneza. Não só copos, jarros, espelhos, etc., nos vinham agora dessa poética e magnífica cidade; os seus candeeiros e lustres brilhavam em todos os palácios e casas opulentas.

Como já disse, todos os cristais da Europa, tais como os da Boémia, França e mais tarde os da Inglaterra adquiriram caracteristicas novas (lapidar o vidro, como em Praga por exemplo) e deixaram o género italiano. Torna-se por isso relativamente fácil reconhecer os vários géneros a que me refiro. Vêm-nos agora dos Estados Unidos da América objectos muito bonitos em vidro. Esse comércio está atingindo grandes proporções, mas só depois de várias tentativas tomou um aspecto nacional. Existem colecções, nêsse pais, em museus e em casas particulares de vidros americanos, sendo as peças mais interessantes e antigas do século XVIII. Entre essas figuram copos gravados com legendas e armas referentes à independência da América. Muitos dêstes são chamados copos de «comunidade» que serviam para, nas festas, beberem todos à volta da mesa patriarcal. Como há pouco tempo ainda (e talvez ainda agora em algumas provincias) se fazia na Alemanha. — Mas não eram no entanto comparáveis com os bons cristais europeus. Só nêste século chegaram à perfeição que os iguala aos melhores.

Se até nós, portugueses, já fazemos lustres que brilham alegremente, refletindó mil luzes e côres, nas casas e até nas lojas!

Sim, decididamente pode-se ainda adquirir e coleccionar objectos de vidros! E sabendo da sua história, mais nos interessam e se tornam para nos preciosos.

FRANCISCA DE ASSIS

1

Forno para fabricar vidro Séc. XVII

2

Taça para «punch» com os seus copos. Da melhor qualidade da Boémia. Desenhos a côres, esmaltados

3

Copo de vidro da fabrica da «Vista Alegre», que durante vinte anos (nos meados do século XIX) não produziu só loiça. Muitas das peças ainda existentes, e que são notáveis, têem sido tomadas como provenientes das melhores fabricas estrangeiras

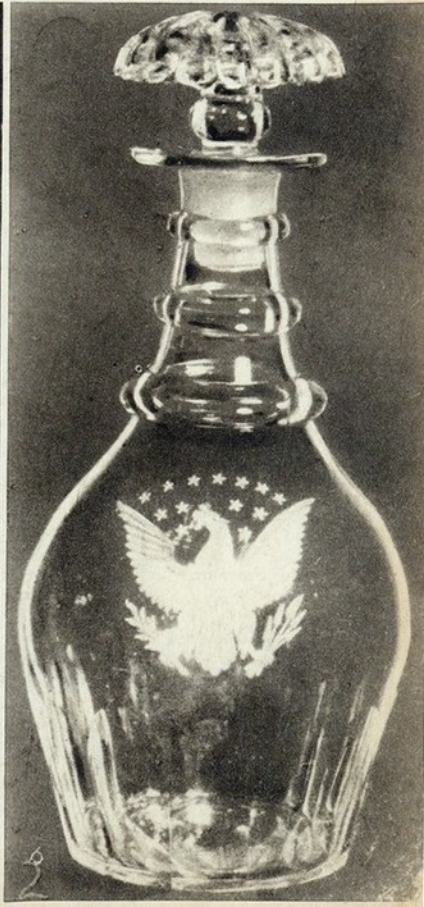
4

Veneza — «Vitro di trina»

5

Peças de cristal facetado formando bicos. Pouco apreciados há anos; agora muito em voga

6

Garrafa de vidro americano, com a aguia e estrêlas das armas da Grande Nação, peça rara da colecção — Du Pont

PARA LER AO SERÃO

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO
Desenhos de GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

IX

As senhoras da nossa Frèguesia resolveram fazer uma grande festa de caridade. E, como de costume, não me dispensaram; embora eu agora tenha a vida cheìssima com o curso de puericultura, o govêrno da casa (que a Mãe me entregou) o curso de cozinha, que me interessa imenso, a catequese, a lição de literatura portuguesa com o Pae, as reüniões da Jic e... a vida de sociedade, já se vê. Mas, como se tratava da Sopa dos Pobres, não pude dizer que não: e fui, (com um certo sucesso, tenho de o reconhecer) a própria autora do número principal da noite.

— Olha, Mirri — disse-me a viscondessa, que organizava a festa — arranja uma espécie de apresentação de vários quadros vivos: mas com carácter histórico, percebes?

— O' meu Deus, mas isso é de uma enorme responsabilidade, sr.ª viscondessa! — respondi.

— Ora, ora, ora — tornou ela a rir — tu és capaz disso e de muito mais!

Puz-me a pensar... E lá arranjei um número a que dei o seguinte título»:

«Devaneios de uma rapariga de hoje»...

A festa foi no Teatro D. Maria, já se vê; e tôda a gente chiquíssima, uma animação louca, raparigas a vender programas, a rifa estupenda de um centro do Leitão, e todos contentíssimos, nem sei porquê!

Seria eu que me sentia feliz, sem também saber porquê?? E' possível...

— Não sei o que te acho hoje, Mirri — disse-me a Luisinha, quando eu enfiava o meu vestido novo, (um imprimé amoroso que me deu a prima Serafina) a cantarolar. Desatei a rir estùpidamente.

A Luisinha tornou;

— Não sei o que tens; mas que estás diferente do costume, estás.

Olha, sabes que o António Cabral tomou um friza para a festa, aquela grande de bôca, imagina! e convidou a Luli e os paes dela para irem com êle?

Eu não sabia; e senti um estranho apêrto no coração... Mas o meu feitio alegre dominou tudo naquela noite: era certo que eu, como dizia a Luisinha, estava diferente do costume...

E, perante o teatro à cunha, lá entrei no palco, (um pouco para o lado direito) a princípio envergonhadíssima...

— A menina parecia estar muito à vontade — observou o Gonçalo, admirado.

— Isso é para quem não conhece a mana — meteu o Nuno, com ares superiores — quando entrou no palco tinha a sobrancelha esquerda levantada e a direita encolhida: sinal de embaçadela!

— Estavas um amor, é que tu estavas — declarou a Luizinha — e falaste de uma maneira estupenda!

— Os Devaneios de uma rapariga de hoje *é que apresentavam uma colecção de quadros de várias épocas da vida portuguesa.*

Começava assim:

SENHORAS! SENHORES!

A que venho eu aqui? Porque venho? Para que venho?

Simplesmente ajudar, com a minha boa vontade e as minhas palavras singelas... à festa dos pobres. Trata-se de obter PÃO para êles: seja eu uma migalhinha dêsse pão, que tão urgente é hoje... mais que nunca!

SENHORAS e SENHORES!

Eu sou uma rapariga nova e moderna no meu modo de pensar; vivendo, como os da minha geração, a vida de hoje tal como ela é: irrequieta, prosaica, agitada, incoerente, variada, barulhenta... Ora cheia de intensidade fremente, ora banal, banalíssima, até ao absurdo... (risos do público).

Mas dá-se comigo um estranho caso, verdadeiro mistério inexplicável: sinto, às vezes, no meio da existência movimentada desta época, EU, a rapariga do século XX... uma espécie de NOSTALGIA, uma vaga SAUDADE... de coisas que passaram, de tempos que mudaram, de gentes que viveram...

Como explicar tal fenómeno? Não sei..

Parece-me compreender, com inexplicável clareza, o encanto singular de outras épocas, outra linguagem, outro pensar, outros costumes... (aqui parei um pouco). E se eu, como tôda a gente nova desta geração d'APÓS-GUERRA, acho «bestial» o que antes era ESPLÊNDIDO; e «estupendo» o que se dizia simplesmente BELO; e se chamo «formidável» às coisas mais insignificantes; e se declaro que é «BEM» aquilo a que usava chamar-se FINO, sinto, apesar de tudo isso, (confesso-o com estranheza) uma verdadeira emoção... ao evocar certas figuras do Passado: êsse passado que, ao meu espírito moderno, tão longe de nós se me afigura...

Não há ainda muitos dias que eu li... (seria na prosa esplêndida do Conde de Sabugosa??) páginas sôbre a Restauração de Portugal. Como estavam, então, unidas as famílias portuguesas, vivendo **UM** *só ideal, de todos o mais nobre: A independência da Pátria! (aplausos fortes!).*

E parecia-me, sonhando acordada, ver surgir, nos seus fatos de sêdas pesadas, nobres figuras daquela época...

D. Filipa de Vilhena, (que tão célebre se tornou armando, como D. Mariana de Lancastre, os filhos cavaleiros), descendo os degráus do seu palácio ao lado das suas encantadoras filhas: D. Maria, a mais velha, linda e frágil; D. Luiza, Condessa de Penaguião, cujo gosto artístico e cuja inteligência faziam dela uma das figuras notáveis da alta sociedade...

(Aqui surgia o quadro, lindíssimo, em que a Júlia, a Filipa, a Carminho, representavam a mãe e as filhas.)

Depois continuava:

E a inteligentíssima D. Joana de Menezes, Condessa da Ericeira, senhora duma cultura que, mesmo hoje, seria considerada invulgar, como me parece vê-la, num rigoroso luto de viúva, lendo os seus admiráveis discursos em casa de D. Francisco Manuel de Mello!

(Que sucesso teve a Maria José, com a sua figura linda, representando a Condessa da Ericeira!).

Como se dançava antigamente...

MARIA VAI CASAR

— E o capítulo das criadas, Marta? — preguntou Maria entre séria e risonha.

Marta riu francamente.

— É mais grave do que muita gente julga; mas eu sou das que pensam que *as boas patrôas é que fazem as boas criadas.*

— Nisso é que me parece que te enganas — tornou Maria — queres melhor pessoa do que a tia Amélia, coitadinha? e tem sido a constante vítima de umas pestes: ladras, malucas, parvas...

— Não eram boas essas tôdas, reconheço. Mas que falta de geito da tia Amélia para as escolher, para as ensinar, para as aconselhar!

— Oh Marta! — protestou Maria.

— Como tu vais ter de te enfronhar no assunto, visto que já só faltam três mêses para ires para a tua casa, sempre te quero dar alguns alvitres...

— Tu tens sempre sorte com as tuas raparigas, Marta: quando penso que a Zeferina é filha daqueles trapalhões de Monsanto e que se apresenta com tanta linha, tanta finura!

— Isso que chamas *sorte,* Maria, tem uma grande parte de *paciência,* podes crer. E é evidente que eu não agarrei *à tôa* a primeira garôta que me apareceu. Mas o que é *essencial* é, antes de mais nada, ser sempre muito *justa* nas observações que fazem às criadas. Se alguma vez ralharmos sem justiça... lá se vai todo o prestígio da *«senhora».* Depois, é preciso ensiná-las não só com paciência, com vagar, com serenidade, mas também com *método.* Se se habituarem a fazer os serviços à mesma hora, da mesma maneira e sem precipitação, tornam-se perfeitas!

Eu continuava, com exaltação:

Grande época essa, na vida portuguesa! E a alegria da LIBERTAÇÃO do jugo estrangeiro, que durara sessenta longos anos, elevava, mais alto que nunca, a alma dos nossos Avós! (aplausos).

Não parava, porém, o meu sonhar...

Agora, galgando séculos de vida portuguesa, era GARRETT, o escritor genial, o elegante de 1840, que me parecia ver, fazendo o encanto daquêles célebres Serões, *na casa requintada e luxuosa do Conde de Farrobo...*

Aí se repartiam, pela noite adeante, o jôgo, a dança, graciosa e digna, a música Mozartiana, os ditos (espirituosos e profundos a um tempo...) num ambiente de rara e verdadeira distinção! (Quadro lindo dum Serão nas Larangeiras).

Era o tempo romântico, apezar do seu vago artificialismo... Era a época dos Poetas amorosos... Dançava-se os Lanceiros, com mesuras graciosas... E a vertiginosa valsa a dois tempos, que levava, como num vôo, os pares enlaçados! As saias eram de balão, sôbre armações rígidas, que melhor realçavam os corpetes bem justos, de largos decotes, em que a linha dos ombros descia... (aqui surgiu, no mesmo «décor», a dança dos Lanceiros, *com a música nos bastidores; e teve de se repetir três vezes!!) Depois, tornei:*

Não posso nunca esquecer as narrativas da minha querida Avó quando recordava a época entre 1890 e 1900! (querida Avó, de quem tão bem me lembro)...

Os vestidos, já menos complicados do que anos atrás, eram ainda profusamente enfeitados; as cinturas finas, de vêspa! as mangas, tufadas como largos presuntos! os penteados bem altos, torcidos em caprichosos monetes.

E a Avó contava, revivendo o SEU TEMPO com enternecimento alegre, o prazer das valsas a três tempos, nascidas em Viena de Austria, tão impregnadas de «entrain»! (perdoem-me o «francesismo» d'esta palavra intraduzivel)!

Como se divertia a gente nova, dizia ela; como dançavam, como brincavam, como gozavam... (quadro engraçadíssimo, em que, ao som de valsas antigas, se dançou com animação).

A guerra de 70 estava, de todo, esquècida; a de 914 não se previa ainda... Mas eram tão tão estranhos os costumes de essa época, que me parece estar separada da nossa... por SÉCULOS... e não por anos!

(Pensei um momento) Nunca os filhos tratavam por TU os paes: isso seria pouco português, dizia a Avòsinha. Mas a ternura respeitosa que ligava mães e filhas, muitas vezes fazia-as companheiras, confidentes, amigas... E eram sempre as mães que acompanhavam as filhas para tôda a parte.

Também eram êles, os PAES, que davam ordens aos filhos e não, como hoje, que sucede o contrário! Estranhos costumes os de êsse tempo!! (aqui ouviram-se gargalhadas imensas do público).

Nunca as raparigas se pintavam: e os seus beiços apresentavam-se, que esquisitice, na sua frescura natural!!!

Também, nêsses tempos remotos, as raparigas finas iam tôdas, delicadamente, cumprimentar as pessoas de idade; e escutavam o que elas diziam, mesmo que isso as aborrecesse um pouco... (novo riso na plateia). Parei um momento... Depois, tornei:

Os ruidos das ruas nada se pareciam com o businar estridente dos autos vertiginosos de hoje, contava a Avó. Era o «ploc-ploc» dos cavalos, batendo com as patas nas pedras das calçadas; era a melopeia afinada dos velhos prègões de Lisboa... (prègões longinquos nos bastidores).

Tudo isto a Avòzinha contava, cantarolando, por vezes, certa valsa linda que a França nos mandara; ou os «Washington Post», cheios de vivacidade, que as esquadras estrangeiras tocavam em alegres e divertidas matinées dançantes! (música nos bastidores.)

Acabada a música, recomecei:

Não havia aviões no céu puro de Portugal; e os grandes navios de guerra estrangeiros que entravam no Tejo, vinham, apenas, em missões risonhas e cumprimenteiras!

(Aqui fiz nova pausa.) Depois, recomecei, alegre:

De repente, porém, param os meus devaneios. Caio, sùbitamente, na plena Realidade, na vida inquieta de hoje, na vida que é a Minha! *a* Vossa! *a* Nossa! *Vejo, sinto, ouço, gozo, o que é de hoje, o que é do meu tempo, da minha época, da minha geração! (bem alto, com entusiasmo:)*

Evoco a **T. S. F.!**
o Telefone!
a Grafonola!
o Cinema!
o Automobilismo!
a Aviação!
o PROGRESSO!

emfim, material e moral, em tôdas as suas manifestações, ESTUPENDAS *e...* FORMIDÁVEIS **deveras!**

(Enormes aplausos.)

A vida de hoje, é certo, não é um sonho: é uma REALIDADE, por vezes bem prosaica. Mas... porquê não tentarmos, nós, a geração NOVA, nós, sôbre quem se firmam tôdas as ESPERANÇAS da Pátria Portuguesa, idealizá-la?

Dar-lhe, dentro do nosso espírito lúcido de hoje, um pouco do romantismo de outras épocas? Tirar-lhe as arestas da má educação? Da linguagem desleixada? Da indiferença pelos mais velhos?

(Continuei, com entusiasmo crescente.)

Sejamos MODERNOS, *raparigas e rapazes! (com fôrça) Sejamos do nosso tempo! Vivamos, sim, a nossa época: mas tentemos* BANIR *da vida portuguesa, para sempre, o* **Egoismo!**
a **Inutilidade!**
a **Banalidade!**
a **Incoerência** *entre as teorias... e a prática!*

Sejamos ALEGRES! OPTIMISTAS! ACTIVOS! *Mas sempre... dentro do espírito* **Cristão e Português!**

(Acabei cumprimentando, enquanto surgia o QUADRO de **HOJE**, *com dança geral, jazz, movimento, tudo!)*

O Teatro vinha abaixo com palmas e chamadas!

Não se pode mesmo calcular o que foi o delírio quando acabou êsse quadro final com o baile moderno! E todos gritavam:

— Autora! Autora!
Maria Rita! Mirri!

Eu fui, positivamente, arrastada para a frente do palco; e nem via as pessoas, tal era a minha excitação. Mas pareceu-me que na grande frisa de bôca dois braços de homem aplaudiam com verdadeiro entusiasmo! E confesso que isso me deu prazer...

(Continua)

Como se dança hoje...

Maria, rindo, contou;

— Lá nisso tens razão. Se soubesses o que é a casa das Borges, por exemplo, onde está aquela rapariga filha da Ana Joaquina! A pequena é espertíssima e tem geito para tudo. Mas uns almoçam a uma hora, outros a outra; e tudo chama de manhã até à noite: — oh Francisca, vem aqui! Oh Francisca, vai acolá! Francisca, traz isto! Francisca, vai comprar fruta! Francisca, não ouves? — e é assim o dia inteiro! Que desordem de casa, nem calculas, Marta.

— E como é que essa Francisca há-de vir a ser uma boa criada? Não é possível.

— Se eu apanhasse uma como a Zeferina...

— É fácil, podes crer; mas lembra-te do que te digo, Maria: começa por ensiná-las com paciência. Nunca desculpes faltas de *respeito!* Mas desculpa antes as faltas de *serviço*... Não ralhes com injustiça: faz-lhe antes ver a razão porque ralhaste.

— Quem arranjarei eu ??... — murmurou Maria.

— Exige, ao máximo, que a tua criada ande sempre bem posta, bem penteada, bem limpa, bem calçada. Que fale com delicadeza a todos; que pratique os seus deveres religiosos: e, é evidente, dá tu própria, *sempre*, o exemplo do cumprimento de todos os deveres...

— Tu achas que a maioria das pessoas pensam nisso tudo quando tomam criadas?!

Marta sorriu.

— Não pensam, não, e é pena! pois têm muitas vezes... a pouca sorte da tia Amélia.

SAUDADES DA MINHA TERRA

(JOGOS FLORAIS—MENÇÃO HONROSA)

SAÜDADE! Sinto saüdade,
Dos tempos de mocidade
Que passei junto de ti!

Minha terra abençoada
Tão branquinha, tão nevada,
Sinto saüdades de ti!

Cá dentro do coração,
Sinto gravada,
A tua imagem nevada.

Minha terra pequenina...
E tão branquinha!...
Minha terra abençoada!

Ao longe, sôbre a colina,
Da «Saüdade» a Capelinha,
Não se cança de alvejar.

Minha terra perfumada,
Lembras qual moira encantada
Quando começa a nevar!

Sinto saüdades infindas,
Das vindimas, das levadas,
Das tuas moçoilas lindas,

Minha terra perfumada
Das eiras, das desgarradas,
Dos teus doirados trigais...

Das tascadelas dos linhos,
Dos cantos das desfolhadas,
Das andorinhas, dos ninhos,

Dos chilreios dos pardais,
Do sino da capelinha,
Dos rouxinóis a cantar.

Minha terra, tão branquinha,
Tão modesta... e tão rainha
Sob um manto de luar!

Coimbra, Centro n.º 17 Liceu de D. João III
Dulce de A. Rebêlo